



Setenta e Dois

MOA SIPRIANO

SETENTA E DOIS

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração

Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia

pixabay.com

dafont.com

Todos os direitos reservados a

Moa Sipriano

Site oficial & Contato

moasipriano.com

escritor@moasipriano.com

“Vamos?”

“Só um momento. Tem certeza de que estou bem?
E minha gravata?”

“A borboleta-azul tá linda!”

“Estou muito nervoso.”

“Depois de tudo o que você passou, a tarde de hoje
vai ser fichinha.”

“Ser bichinha?”

“Chegamos. Quer que te acompanhe até a porta?”

“Não. Não. Não. Tenho que fazer isso sozinho.”

“Quer meu lenço? Tua testa tá toda empapada.”

“E se ele não lembrar mais de mim-eu-mesmo?”

“É impossível te esquecer, seu bobão!”

“Meu bigode. Por favor, verifique meu bigode. Está
bem alinhado?”

“Ai, *Gsuis*, me ascende! Cê tá ótimo, lindo, deslum-
brante, vitaminado, Senhor Gostosão!”

“Eu sempre fui gostoso. Sempre!”

“Vai enrolar mais um pouco? Olha que faço *alôka*, vou até lá e toco a campainha!”

“Juro que te mato! É o meu momento e tudo precisa ser realizado no meu tempo!”

“E se ele não gostar do presente?”

“Depois de tantos anos, tenho certeza que o melhor presente será a tua iluminada presença!”

“Obrigado. Não sei o que eu faria sem você. Aprecie meu sorriso mais sincero.”

“Ai, ai ai, sua falsa. Vai lá, velha doida. Depois eu aceito todos os agradecimentos. Agora... sai do carro, senão vai rolar uma Shakira a capela!”

“Tudo... menos sua Shakira!”

* * *

Não dava para disfarçar tamanha expectativa.

Meu avô saiu do carro, alisou umas novecentas vezes a camisa listrada e os cabelos “gelados”, conferiu a caixinha que repousava no oculto da mão esquerda, inspirou com severa profundidade como a sorver forças sobrenaturais e finalmente deu o segundo passo mais importante da sua atual existência.

Por instinto, mantive meus dedos bem cruzados.

Um toque. Dois minutos de angustiante espera.

A porta de todas as esperanças foi aberta.

Visivelmente emocionado, entre lágrimas esbugalhadas, o arfante dono da casa o brindou com um sorriso a iluminar oito quarteirões. Ele era metade da delícia de um David Beckham, onde cabelos pontiagudos e braços recobertos de mapas abstratos promoviam o tom preciso da sua bem alicerçada personalidade.

Eu me preparava para mofar dentro do carro, quando minha castanha visão foi agraciada com o genuíno casal a se aprumar numa bem-vinda varanda, estilo de fazenda.

Não deu outra. Peguei meu Lumia, travei meu braço num canto da porta amassada e passei a registrar aquele momento histórico.

Antônio e Lamar, pra lá de tímidos e, ao mesmo tempo, eufóricos, conversavam como se tivessem passado juntos uma vida inteira. O outro David, o sobrinho, trouxe as cervejas, sorriu para os dois, beijando o alto da cabeça de cada um como a selar uma linda fraternidade com o símbolo máximo de um genuíno carinho fofístico.

Honras feitas, ele saiu de mansinho, esfumaçando lentamente seus traços másculos em passos discretos a evaporar atrás de uma magnânima parreira.

Enquanto conversavam, Lamar o tempo todo tocava nas faces de Antônio, como a pedir que o querido companheiro não vertesse lágrimas, a não ser se fossem de puro alívio.

Numa titubeante e atrapalhada troca de presentes, Lamar deu a Antônio o que julguei ser um calhamaço de antigas cartas, cujo possível conteúdo tão desejado fez

Antônio desfalecer em ascendente emoção, chorando feito menino pobre diante do primeiro Papai Noel, sem manter controle algum sobre seus membros superiores.

Lamar se levantou, abraçando Antônio com ternura. Eles trocaram afagos ariscos. Quase rolou um beijo!

O presenteado inverteu os papéis.

Retirando a caixinha de veludo do bolso da calça, Antônio recitou algumas palavras certamente poéticas ao seu grande amor, abrindo o horizonte a revelar o magnífico conteúdo.

Lamar levou as mãos à boca, apanhando a correntinha que segurava um crucifixo prateado, admirando os contornos – ah, meu olhar tão bem treinado! – de um antiquíssimo cristo em ébano, esculpido à mão.

Ufa! Finalmente rolou o Grande Momento.

Uau! Que beijo, meus senhores. Que beijo!

* * *

Ver meu próprio avô assumir sua homossexualida-

de aos setenta e dois foi uma das mais fantásticas emoções que pude sentir na vida.

Acompanhar sua coragem em lutar pelo seu amado único, onde posso bater no meu peito siliconado e gritar meu orgulho em ser detetive da situação foi algo que me fez rejuvenescer e ampliar minhas energias pelo menos uns quatrocentos por cento!

Puxa vida! Quantas e quantas noites não vareei em claro e café a cruzar informações na esperança de encontrar o endereço de Lamar!

Pouco importa a quantidade de erros cometidos num passado revestido de hipocrisia. Diante dos meus olhos puxados estava a prova cabal de que o Amor sempre, sempre, sempre vence, quando estamos dispostos a dilacerar nossos próprios limites.

Durante dezenas de anos, Antônio e Lamar foram proibidos de viver a Beleza, obrigados a manter casamentos de inúmeras fachadas numa falsa ideia de não destruir os “valores” impostos por uma “religião”, alicerce su-

premo de suas famílias hipócritas.

Enfim, elas partiram para outras dimensões.

O caminho estava livre.

O reencontro – aqui e agora! – era inevitável, necessário, gravado em estrelas, abençoado pela Providência.

Embebidos de paciência, agonia e esperança, tenho certeza de que eles sempre acreditaram que um dia ainda ficariam juntos e saberiam como aproveitar ao máximo o terreno tempo restante.

Finalizei minha gravação com os dois abraçados entre afagos célicos – todos nós em prantos! – mesclados num só corpo, numa só carne, num só coração.

Fungando, chorando, rindo e “bobalhando”, tratei de pegar meu lenço florido e dar uma guaribada na minha fuça roufenha.

Liguei pro Eduardo, meu marido. Toda histérica, revelei fragmentos da linda história de amor que eu havia presenciado. Eu, Francisca Soares, me sentia a mais fodástica neta do universo!

Um milhão de letras e canções começaram a pipocar na minha alma arco-íris. Assumi que eu passaria longo tempo trancada em estúdio. Que alegria!

Além do meu trabalho artístico, assumi que minha outra missão na atual existência seria dedicar boa parte do meu tempo a ajudar muitos outros *antônios & lamars* a se encontrar, se entender e, quiçá, ser felizes...

... para sempre!

Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004.

No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade.

“Procuró pincelar minhas histórias com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao meu leitor momentos termânticos, surpreendentes descobertas e uma profunda reflexão.”

Para conhecer todas as obras: **moasipriano.com**

Contato: **escritor@moasipriano.com**